

Coisas antigas

9. Moinhos

Usavam-se moinhos na Faculdade para pulverizar partes de plantas medicinais. Os pós obtidos serviam para deles se extraírem substâncias ativas que se destinavam mais para investigação do que para as incorporar em medicamentos. Este moinho de café foi fabricado em França, em finais do século XIX, pela firma Peugeot Frères Brevetés S.G.D.G. As últimas pulverizações que se praticaram na Faculdade recorriam também a utensílios de cozinha, mas elétricos.



Com 37 cm de altura, este moinho é de ferro fundido e assenta numa base de madeira com uma gaveta onde se recolhia o pó obtido pela moagem. Permito-me classificá-lo como uma das peças mais “simpáticas” do Museu.



Designado como moinho de martelos, este instrumento funcionava na Tecnologia Farmacêutica, tal como as outras peças desta história, embora servisse também para outros laboratórios, como o de Farmacognosia. O ruído era tão forte que se instalou num vão de escadas exteriores no logradouro contíguo. Fabricado nos EUA, mede 60 cm de altura e tem a seguinte inscrição: “Viking electric hammer mill, serial No. C: 1347-757, Viking Manufacturing Co., Manhattan, Kansas.



Embora este almofariz não seja propriamente um moinho, inclui-se nesta história porque tinha uma finalidade semelhante. Em catálogos e moinhos modernos, elétricos, incluem-se aliás “moinhos de almofariz”, a par de outros como os de bolas ou de discos. Com a abertura de 30 cm de diâmetro e 22 cm de altura, deve pesar cerca de 30 kg. O pilão, de uns 4 kg, condiz com estas dimensões, com os seus 70 cm de comprimento. Usava-se no antigo Laboratório de Farmácia Galénica e estava recomendado que na tarefa de contusão de uma planta medicamentosa, a boca do almofariz estivesse tapada com um pano e o pilão se manobrasse através de um orifício do pano, tudo para evitar perdas do material e a inalação de pós.

Agradeço algumas informações da Prof. Fernanda Bahía e do Dr. Edmundo Vilar, bem como, e mais uma vez, as fotografias da Dr^a Joana Macedo.